

## *Uma Flor Bela e Estranha*



Camilla Miranda Martins

***Uma Flor Bela e Estranha***

*Três histórias*

1ª. edição

Curitiba  
Edição do Autor  
2010

1ª. edição. Curitiba: Edição do Autor, 2010.

*Todos os direitos autorais reservados à autora, proibida a reprodução parcial ou total sem prévia autorização.*

Camilla Miranda Martins

<http://camiarte.wordpress.com/>

[millarte108@gmail.com](mailto:millarte108@gmail.com)

*Apoios*

**Danielle Miranda Martins**

**&**

**Marcelo Eduardo Osiecki**

<http://yogaosiecki.blogspot.com/>

*Capa, diagramação e revisão*

Camilla Miranda Martins

**ISBN 978-85-910695-0-7**

*“E se você dormisse? E se você sonhasse? E se em seu sonho  
você fosse ao paraíso e lá colhesse uma flor bela e estranha? E  
se ao despertar você tivesse a flor entre as mãos? Ah, e  
então?”*

(Coleridge)



## Solstício de Inverno

São quase oito horas quando coloca a água na chaleira para o café e quando os primeiros raios de Sol penetram pela densa neblina que chega até a janela entreaberta. Mal dá para ver o muro velho, de pedra acinzentada, e o pequeno lago congelado sobre o qual um vulto caminha. Na fresta da janela, Tomás deixa a alongada face exposta ao vento cortante. A ponta do agudo nariz logo se arrepia e a barba mal feita é a única coisa que protege suas temperas. Fica a contemplar cada raio de luz que, com dificuldade, chega oblíquo ao seu rosto e, apesar de tênue, desperta cada célula sensorial com um sutil toque de calor.

Hoje é o seu aniversário, mas esse fato parece ser irrelevante diante da longa viagem da luminosidade, a qual agora já eclipsa o passado das belas estrelas e do cruzeiro do sul. Não é assustador e ao mesmo tempo espetacular saber que a Terra gira em torno de si mesma e ao redor do Sol? E somente assim as pessoas, de diversos locais, conseguem observar diferentes pontos do universo e senti-lo ora mais quente, ora mais frio. Parece algo banal, porém é intrigante... Não que nascer seja algo banal, pois é algo tão incompreensível quanto o universo.

Bem... Tomás morre de frio desde o dia em que o mundo veio a ele, ou será que ele é que veio ao mundo? O fato é que inconscientemente o frio

## Uma Flor Bela e Estranha

da Patagônia lhe lembra o dia no qual passou da aquecida placenta para o oposto noturno da cidade num dia de solstício de inverno. O parto foi natural e caseiro, teve como única espectadora a amiga da recém mamãe involuntária. Enquanto sente as pontadas e o arrepio do ambiente sabe que está incrivelmente vivo.

O vulto lá fora se aproxima, é um menino. Logo vê que junto dele há também uma garota, os dois parecem brincar no lago. Aproximam-se mais e entram pelo portão. A menina chega perto da janela e diz:

— Senhor viemos da cidade mais próxima, estamos de férias aqui e distribuimos flores cultivadas por um amigo.

— Flores? Nesse frio?

— Sim, nosso amigo nos trouxe hoje muito cedo...

— Olhe. – o garoto tirou da mochila uma espécie de invólucro cônico com uma flor bela e estranha dentro.

O mais impressionante, é que ele conhecia aquela flor. Uma espécie rara ali, de pétalas brancas. Mas eles tinham apenas a flor, sem o caule, pois crescia na água. Sua esposa adorava essa flor, desde que a viu numa estufa na capital.

— Eu quero uma.

Os dois jovens lhe entregaram e foram embora, saltitando e brincando. Como pode estar viva nesse frio? É tudo muito esquisito. Senta na poltrona ao lado e retira a flor do pacote transparente, a segura nas palmas das mãos...

Quando começaram a namorar fez de tudo para conseguir uma dessas e lhe dar. Lembranças.

Ainda está cansado, fecha os olhos. Ideias contrastantes. Sem perspectivas o mundo não lhe serve e a vontade de fugir e escapar são grandes. Sente-se tão pequeno nessas horas... O coração é uma caverna escura onde morcegos hematófagos lhe sugam o ser. Existência tola! A agonia exige trevas para viver e o ser que ainda resta torna-se um escravo da filha que ele próprio gerou em momento tão desesperador. Dias com o olhar fixo e expressão inerte, os pensamentos sem sonhos e apenas uma cena vermelha. Fraco e incapaz? Desconhece a roda girante, por isso fica tonto e debate-se pedindo socorro silenciosamente; ninguém o atende e uma dúvida cruel lhe corroe como um verme. Fica pasmo, será insanidade? Não, um sonho.

O corpo se decompõe e as moléculas de carbono agregam-se a outras coisas e seres, então é imortal... Os morcegos deixam apenas ossos, o esqueleto, a estrutura, e se a história for linear um dia o vazio terá de reinar e essa será sua paz. Demora mas percebe o céu e o inferno, hipérboles imaginárias que atordoam o ser. A felicidade é consequência de fatos anteriores, então mata a filha e fica feliz! A recordação dela... Decide ir à cidade.

Em uma mala ajeita algumas mudas de roupa, quanto tempo ficará? Decide levar o suficiente para uma semana, poderá fazer uma surpresa para a irmã. Tem pensado muito nela,

como estará? Da última vez que a viu, no verão, estava quase uma mocinha: um pouco desajeitada, corpo indefinido e muito inteligente. Fernando morre de ciúmes da caçula, é o mimo dos dois, do irmão e do pai. E o velho, como estará? Ele o adotou quando tinha apenas cinco anos, e desde então é o seu verdadeiro pai.

Animado como sempre, Tomás imagina a viagem. Na outra não quer pensar, uma lembrança doida. Se for a cidade talvez a encontre; olha a mala já pronta, um arrepio na barriga.

Agora a bagagem está feita, precisa revê-la, ela, por mais que magoe. No verão Fernando comentou que ela voltara a trabalhar, desde então pensa sempre em como estará. Mais uma vez olha a mala, tem uma ideia, uma imagem. Corre e pega uma tela, pincéis e tintas, puxa o cavalete para perto.

— Está alucinante! Essas cores são perfeitas... Coloco os óculos. A viagem espera esse meu ímpeto...

Uma bolha de sabão que reflete sua bagagem e o casaco largado. Rápidas pinceladas de azul celeste e cobalto, um toque de amarelo cádmio, na mistura fica verde, o fundo aleatório onde vaga uma bolha transparente e redonda, alguns dedos de luz. Atrás da mala e do casaco um verde sugestivo, acrescenta uma flor bela e estranha entre esses dois. Tudo composto e assina a obra *Mudança*.